

A stack of several books with cream-colored pages. Fresh green herbs with serrated leaves and brown roots are tucked between the pages, creating a natural, organic look. The lighting is soft and warm, highlighting the textures of the paper and the plants.

URU-KU

AS DISCIPLINAS ESQUECIDAS

Josely Carvalho



MAS, QUE ARTE

Galeria de Arte Casarão, Viana, ES.

CABE NUMA CIDADE?

Esta pergunta norteia o “Programa de Residência Artística” no município de Viana. Busca pensar a formação e o desenvolvimento da cidade por meio de seu patrimônio cultural: material, natural, edificado e simbólico. Discute a ocupação da arte, memória e o espaço público.

Localizado às bordas da região metropolitana, o município de Viana possui uma geografia urbana configurada por bairros isolados, que precisam ser estimulados a se integrar. A cidade e suas cercanias propiciam um trabalho dificilmente viabilizado em outro local. “[Re]invenção de uma cidade” foi um dos dez projetos selecionados pelo Edital Arte e Patrimônio - 2009, MINC\IPHAN, realizado pela Prefeitura Municipal de Viana. O artista plástico José Rufino foi o 1º convidado a visitar esta cidade e a residir nela, de modo que também pudesse observar os moradores. Ao fim desta vivência, foi lançada a exposição “Silentio”, na Galeria de Arte Contemporânea Casarão.

O conceito de Residência Artística é uma visão contemporânea das antigas bolsas de viagens na Europa e nos Estados Unidos. São projetos que têm como objetivo principal servir de residência temporária para artistas locais, nacionais e estrangeiros. Neste intuito, a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do município de Viana implantou, no Anexo da Galeria de Arte Casarão, um estúdio, para que sejam desenvolvidos projetos artísticos e trocas de experiências e conhecimentos, entre a comunidade, os artistas, a escola, alunos e professores da universidade.

Para a 2ª edição, iniciada em outubro de 2010/11, foram convidadas a renomada artista plástica

Josely Carvalho e a curadora Kátia Cantom, que orquestraram situações com a comunidade, de redescobrimto dos vários espaços de vivência através do olfato e das memórias trazidas pela percepção do cheiro. A abertura da exposição na Galeria de arte Casarão “URU-KU as disciplinas esquecidas”, em visitação pública até junho de 2011, é um documento com respaldo didático.

Para esta edição, o patrocínio da Arcellor Mittal e o apoio da Wheaton do Brasil, Incom, Aptar, Polintintas, UFES-Proex, SECULT, Instituto SINCADES E SEBRAE foram fundamentais. Sem esta credibilidade, jamais teríamos alcançado dados tão positivos.

Como atividade proposta pelo programa de residência artística “Mas, que arte cabe numa cidade?”, foram apontadas necessidades em que deveria ser aproveitado o que **As mulheres de Araçatiba** têm de especial – o fazer com as mãos. Especialmente pensada por meio da exposição, e sob a orientação da design de moda Gabriela Lima e do modelista Paulo Simões, a identidade de uma coleção está sendo delineada pelas informações vindas da própria exposição “URU-KU as disciplinas esquecidas”, da artista Josely Carvalho. A cor crua do vestuário vem do “Livro de cheiros” e do vídeo-instalação cujo título dá nome à exposição: **URU-KU as disciplinas esquecidas**. Dos galhos imersos em urucum e da projeção do vídeo **Não posso cheirá-lo**, vieram os pássaros e a tracajá das estampas. A tartaruga é o avatar da artista brasileira, que vive entre Nova Iorque e Rio de Janeiro e incorpora nos seus trabalhos os conflitos de cultura diversa, classe, raça e gênero. A artista diz: “*carrego minha casa em meu corpo e minha história inscrita na minha carapaça*”.



URU-KU as disciplinas esquecidas, 2011. *Instalação: 750 galhos embebidos em cola e pó de urucum, cheiro de urucum, projeção do vídeo Ich kann ihn nicht riesen/Não posso cheirá-lo.*

Toda esta informação possibilitou amoldar-se aos conceitos da moda contemporânea e construir um painel de referência, com uma cartela cromática ao sabor do SOTECO: nas cores do urucum e de tomates, nos verdes do maço de cebolinha e coentro, da banana, que vão permitir inserir tonalidades diversas aos mais variados e diferentes métodos de estamparias e bordados, fomentando a experimentação na área da moda e a aplicação dos conhecimentos desta área ao desenvolvimento de produtos para o mercado cultural.

É bom que se diga que Araçatiba, no período colonial, tinha uma localização privilegiada, favoreci-

da pela possibilidade de comunicação fluvial com Vitória, onde os padres possuíam porto próprio. Naquela época, a fazenda de Araçatiba se destacou pela escala de produção, e chegou a possuir cerca de 850 escravos, tornando-se, inclusive, a maior de toda a Colônia, onde se produziam os subsídios necessários para o abastecimento de suas atividades e do Colégio São Thiago – atual Palácio Anchieta.

O lugar ganhou destaque pelo trato “humanizado” aos escravos que lá trabalhavam; o que, segundo relatos da tradição oral, perdurou no comando dos dois senhores posteriores aos inicianos. O naturalista, etnólogo e alemão príncipe Maximiliano

Wied-Neuwied em seu livro “Viagem Ao Brasil”, em sua passagem, em 1816, pelo estado do Espírito Santo, nos relata: *“Inesperadamente para um trecho escampo, e tivemos grata surpresa quando, de súbito, descortinamos as duas torres pequenas, situadas numa linda planura verde, ao pé do altaneiro Morro de Araçatiba, montanha rochosa coberta de mata [...] foi a maior fazenda que encontrei durante a minha viagem”*. Os moradores da comunidade de Araçatiba vieram para o Brasil em companhia do Senhor, para a construção da Igreja Santa Nossa Senhora da Ajuda, da qual hoje a comunidade de Araçatiba é herdeira oficial.

Do outro lado da BR 262, adentrando no caminho fora das margens da rodovia, se encontra Marcílio de Noronha: nome do empresário que construiu o conjunto habitacional. Os eventos urbanos e as experiências coletivas revelaram os cheiros, na forma de caça ao tesouro desenhada pelos habitantes jovens da comunidade, coordenados por Célia Ribeiro; criaram uma cartografia do Bairro de Marcílio de Noronha, numa conscientização do entorno urbano através de um mapeamento de experiências olfativas.

O resultado foi um incentivo à produção de conhecimento e pesquisa em torno do tema, aumentando o alcance de suas atividades através da cidade, atingindo diferentes faixas etárias e classes econômicas, proporcionando integração entre as partes. A presença da renomada artista possibilitou a educação dos mais jovens para o potencial da produção artística como campo de trabalho; um cine clube hoje está sendo viabilizado pela vontade dos jovens de Marcílio. O projeto também realizou trabalho junto a professores, viabilizando discussões em programas educativos, funcionando como fomento de formação complementar.

Mas, como os vários cheiros existentes numa cidade podem trazer à tona o reconhecimento do espaço e de sua história? Josely Carvalho, durante sua parada em Viana, buscou retê-los, exibi-los e deixá-los visíveis, nas marcas impressas pelo tempo nas obras “Livro dos Cheiros”, “Vidro-de-Cheiro”, vídeo/instalação: *“URU-KU as disciplinas esquecidas”* e a projeção do vídeo *“Não posso cheirá-lo”*. Estes objetos, construídos pelas mãos da artista e da comunidade, agora instalados na Galeria de Arte Casarão, são índices do real.

Ítalo Calvino nos ajuda a compreender que as cidades são como os sonhos: *“Construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas sejam enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”*. O que importa são o assunto e os alicerces dessa construção: *“Sinto muita falta do ‘ninho’ que vocês teceram para mim”*, resume Josely num e-mail carinhoso enviado à equipe do projeto. A artista abandona a forma tradicional do ninho e mergulha em texturas sedutoras de galhos imersos em urucum, como se buscasse o gesto da pintura - a matéria equiparada às transformações em grau zero -, é como se dali surgissem novos caminhos, a base para outros percursos de idas e vindas na arquitetura da poética da artista, em estado bruto ao lapidado. A experiência foi para Josely Carvalho, mas o grande aprendizado, quem recebeu o melhor presente, fomos nós: habitantes do estado do Espírito Santo, Viana e suas bordas.

Inverno de 2011

Neusa Mendes

CURADORA GERAL DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA

URU-KU



A DISCIPLINAS ESQUECIDAS

A HISTÓRIA DE UMA RESIDÊNCIA EM VIANA

O conceito de abrigo é a espinha dorsal da obra de Josely Carvalho. Desde o início de sua carreira, a artista elegeu a tartaruga tracajá como seu avatar, de modo que esse pequeno e antiqüíssimo animal pudesse penetrar os locais mais insólitos – locais reais, imaginados ou virtuais – carregando sua própria casa/casco, reproduzindo simbolicamente a eterna perseguição humana por um abrigo, seja ele físico, afetivo, ou ambos.

Em sua procura por abrigos, Josely Carvalho inicialmente chegou às telhas. Criou um *Livro das Telhas com barro e virtualidade*. As telhas de barro, elemento primordial da construção de uma habitação, cobertura dos tetos de nossas casas e de nossos refúgios imaginários, passaram a ser telhas virtuais, páginas de computador que se tornaram arquivos de histórias, lembranças e memórias coletivas.

Livro das Telhas é a discussão mais ampla do sentido de abrigo. Na realidade do mundo contemporâneo, marcada, de um lado, pela tecnologia dos endereços virtualizados e, de outro, pela miséria daqueles que não possuem moradia, e pelas guerras étnicas e movimentos migratórios e clandestinos que provocam a perda de abrigo, a noção de espaço, de moradia, de lugar, perde uma demarcação geográfica estabelecida, se desgarra de um sentido fixo, e cai na rede elástica das incertezas geradas pela era da globalização.

Seria o resgate do afeto a grande resposta a essa imensa crise?

Pensando nisso, numa etapa subsequente de seu trabalho, Josely Carvalho passou a criar ninhos,

incluindo no universo dos abrigos, os espaços negociados pela intimidade e a domesticidade. Ninho, afinal é aconchego, é proteção, é geração de vida. Mas não é só isso.

De fato, o ninho de Josely, feito em resina, tem a transparência das narrativas de contos de fadas. Criado a partir de combinações de grandes galhos resinados, distribuídos ao acaso, no chão, eles parecem frágeis como sapatos de cristal.

Em sua composição móvel, bela e translúcida, a artista fez do ninho de pássaros um belo retrato sobre o desejo de amor e abrigo, e, ao mesmo tempo, da fragilidade da vida e da inevitabilidade da morte.

Com essa bagagem em punho, a artista partiu para a residência no município capixaba de Viana, num projeto concebido pela curadora Neusa Mendes. Viana foi pensada por ela como local de residência artística por apresentar uma geografia urbana composta por bairros isolados, cortados por uma estrada.

Nesse momento, Josely já produzia seu Diário de Cheiros na internet. A busca pelo sentido olfativo parecia um caminho natural para essa incansável pesquisadora dos afetos, dos abrigos, das intimidades.

Do abrigo natural do corpo da tracajá, passando pelos abrigos das telhas de barro, das páginas de computador e dos ninhos, a artista questiona os cheiros que nos abrigam, nos proporcionam lastros, memórias, histórias, conforto ou repulsa, que nos concedem vida, enfim.



Livro de Cheiros, 2011. *Instalação: série de 18 fotografias, fichário, cheiro e livro objeto.*

Foi assim que, à pergunta proposta pela residência, “mas, que arte cabe numa cidade? a artista Josely Carvalho respondeu com outra pergunta: “mas, que cheiros cabem numa cidade?”

E, justamente, com essa pergunta final, ela criou numa jornada de alguns meses, ladeados por duas permanências no belo Casarão, uma história vibrante de trocas e encontros com a população vianense.

A escolha do olfato se liga a uma opção pela sutileza. Também entra no jogo aqui uma atitude de resgate; afinal, na nossa sociedade do espetáculo, é o visual, produzindo ondas cada vez mais gigantescas de imagens que nos atropelam como tsunamis; e o sonoro, que se impõe como complementação ao imagético e toma corpo como um pano de fundo para a sintonia com o mundo das máquinas e virtualidades; que dão as cartas desse mundo-jogo.

O olfato é mesmo uma disciplina praticamente esquecida, em um mundo que engole os tempos, transborda imagens e ruídos, torna tudo veloz e

descartável e se revela desprovido das sensações sutis que somente os aromas conseguem fazer aflorar.

Pois foi justamente esse o desafio a que a artista se impôs. Numa primeira etapa, durante uma semana, Josely percorreu a cidade de Viana, ouviu histórias da comunidade quilombola de Araçatiba e conversou com os jovens de Marcílio de Noronha. Com as mulheres de Araçatiba, compartilhou histórias de força e persistência, saboreou um soteco, testemunhou a tradição do trabalho artesanal das costuras, bordados, tecidos, e experimentou o cheiro das ervas aromáticas.

Dali, ela colheu galhinhos de ervas e os guardou dentro de um livro que ficou no Casarão para a próxima etapa da residência, suas folhas secas cuidadosamente guardadas em meio às páginas. A ideia aqui era catalogar todas as ervas mantidas na tradição quilombola, criando *a posteriori* uma horta, um delicioso jardim de ervas.

Aconteceu, nesse meio tempo, um pequeno milagre, o primeiro deles: o livro brotou. Um



Vidro de Cheiro, 2011. *Instalação coletiva: 300 vidros de perfume com inserções variáveis e gaveta de fichário.*

galho de boldo já seco, sem mais, nem por onde, resolveu perseguir a luz e renascer, bem ali, apertado no meio das páginas.

Assim, inadvertidamente, tornou-se o símbolo de uma cidade meio esquecida, fragmentada nas memórias, dividida em geografias esquecidas, rasgadas pela BR 262. Apontou soberano, para além das disciplinas que pareciam empalidecidas e ressecadas. Assinalou a vitória dos novos encontros.

E enquanto o livro brotava, a artista operava seu segundo pequeno milagre. O ninho, um abrigo fechado para garantir intimidade e proteção, se abriu. Pela primeira vez, Josely Carvalho decidiu não mais fechar as bordas desse local protegido. Pelo contrário. Na relação com as pessoas que viviam ali e que trocavam incessantemente com a artista, Josely rendeu-se à mistura, à abertura.

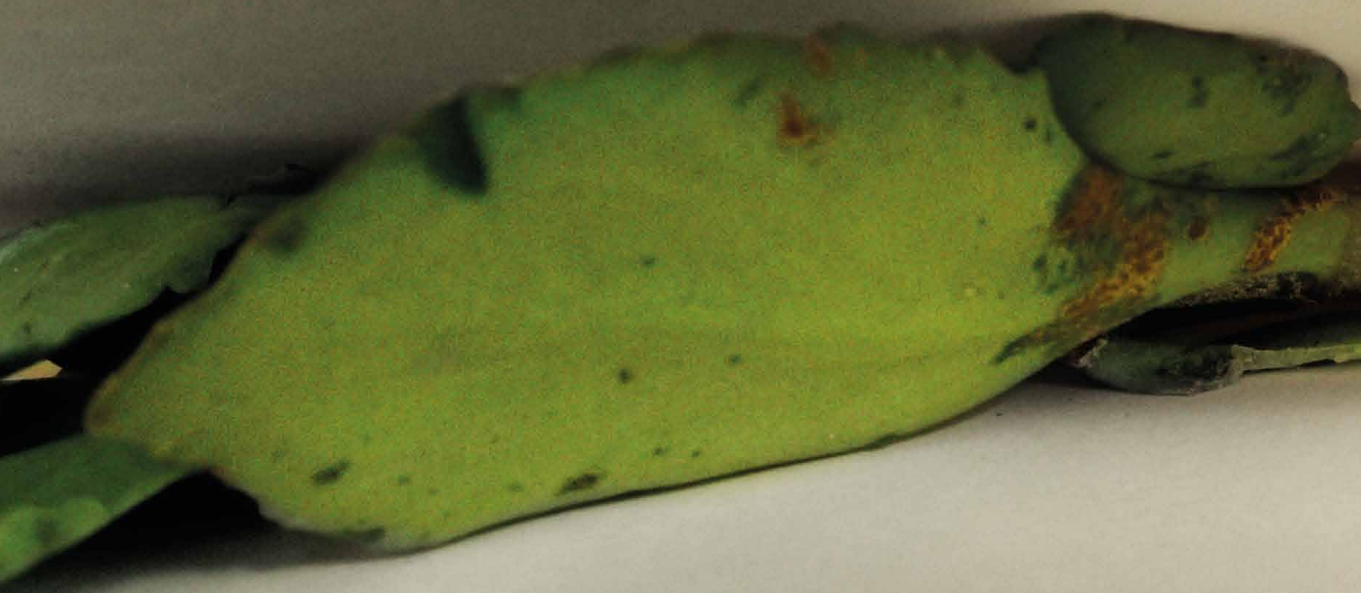
Misturou então seus galhos, feitos de galhos de árvores embebidos em cola e grudados com pó de urucum. O urucum, ou uru-ku, como os índios tupi-guaranis o chamavam, é um pó retirado

da semente, que tinge tudo de um alaranjado quente, e é usado nos temperos das moquecas e de uma infinidade de receitas culinárias capixabas. Pois, por seu cheiro e sua visualidade vibrante, o urucum tornou-se uma das grandes metáforas da visualidade capixaba, no olhar e no olfato da artista.

O ninho aberto, a teia de galhos alaranjados se misturou no espaço superior do Casarão, marcado pela grande tela de vídeo, pronto para configurar novos desenhos e possibilidades de combinação.

Ali, foi projetado o vídeo “Não posso cheirá-lo”, com imagens da artista mescladas a uma poética evocação de animais simbólicos: a tartaruga tracajá, que traz seu abrigo nas próprias costas e viaja, representando os percursos traçados pela própria artista; o peixe, aludindo ao mar e às profundezas; e os pássaros, seres tão livres quanto frágeis.

No andar inferior do espaço, o livro-brotado aparece como escultura, ladeado por uma série de fotografias realizadas pela artista, utilizando detalhes de suas folhas, seus tons, suas nuances de luz e sombra.







Página anterior:

Livro de Cheiros. 1938 (recorte), 2011.

Fotografia impressa em jato de tinta em papel Fine Art Harman Gloss, 320gr; Edição: 8. Impresso no Estúdio 321, São Paulo. (26.2cm x 34cm)

Numa parede específica, um outro vídeo, “Diário de Campo”, a artista incorpora fragmentos de vídeos e entrevistas de jovens urbanos da comunidade de Marçílio. Nas trocas e conversas com a artista, percebeu-se que, para esses jovens, as memórias dos cheiros que faziam parte de suas vidas não falavam de passado, mas de um presente pleno de projetos e inovações.

Assim, em “Diário de Campo”, toda uma riqueza de personagens e experiências se desdobra numa viagem pelos detalhes e delicadezas deflagradas pelos cheiros nos percursos diários de cada um desses habitantes.

São esses diários que também aparecem numa derradeira instalação, chamada “Vidro de Cheiro”.

Compilados, trezentos vidros de perfume esvaziados foram entregues aos habitantes de Viana, para que esses realizassem pequenos inventários sobre as lembranças dos cheiros de suas vidas. Pétalas de flores, restos de comida, chás, perfumes, coisinhas miúdas. Cada um dos vidros, lacrados com tampas coloridas, tornou-se um universo em si.

Colecionadas e expostas, as garrafas, testemunhos da memória olfativa de cada um, alimentaram o espaço da galeria com a potência da subjetividade individual que se soma e se torna una. Esse conjunto ganhou um poder encantatório e parecia atribuir uma nova vida a um arquivo morto encontrado perto dali. Em meio a um arsenal de garrafas, o ambiente tornou-se reluzente, quase musical.

Eis um novo pequeno milagre operando novamente.

Katia Canton
CURADORA

Katia Canton é docente e curadora do Museu de Arte Contemporânea da USP e autora de vários livros sobre arte e histórias.









QUE CHEIROS TRAZEM

Página anterior:

URU-KU as disciplinas esquecidas, 2011. *Instalação: 750 galhos embebidos em cola e pó de urucum, cheiro de urucum, projeção do vídeo Ich kann ihn nicht riesen/Não posso cheirá-lo.*

A MEMÓRIA DE UMA CIDADE?

Ah! Você vai para Viana? Não é Viena? Pensei que fosse viajar pela Áustria...

Assim me perguntavam quando contava que tinha sido convidada para uma residência/exposição em Viana.

Cidade esquecida? Não, somente fragmentada.

Que arte cabe numa cidade?

Que cheiros trazem a memória de uma cidade?

Município não planejado rasgado pela BR-262

Procuro os cheiros

encontro na noite caminhões que passam em alta velocidade
um galo que canta e me desperta
cedo de manhã o apito de um trem turístico fantasma que não vejo
cheiro de café da Tia Maria

o coleiro passeia todos os dias com seu dono que não repete o trajeto para que o seu passarinho não se canse da mesma paisagem e dos mesmos cheiros... naquele dia, iam juntos caminhando no meio do trilho do trem, em direção ao Casarão.

cheiro de umidade, resquício de uma chuva que inundou o município deixando memórias exploradas na primeira residência do projeto

cheiro de teatro

Seis dias de residência física

três meses de residência virtual

Tal como arqueólogo, escavo camadas poeirentas de vivências

cheiro de poeira vindo do sol

Como etnólogo, procuro com o olfato desvendar memórias esquecidas entre os moradores de Viana

Um mapa olfativo das comunidades deve ser traçado

Uma geografia dos cheiros, descrita

Uma disciplina esquecida, resgatada

Hoje se sabe que o feto sente cheiro e que ao nascer reconhece o cheiro materno e vice-versa.

O cheiro é essencial nas relações sociais e amorosas.

As memórias que incluem lembrança de odores têm tendência a serem mais intensas e emocionalmente mais fortes.

O olfato, sentido esquecido

Esquecida na mata, depois de uma ponte, atrás do coqueiral, ao redor de uma igreja pertencente a um quilombo (antiga), uma comunidade me recebe com sorrisos, sotecos, congos, histórias bordadas e guardadas nos retalhos das suas experiências.


Araçatiba.

Encontro o conhecimento das ervas medicinais, hoje, quase perdidas, e as arquivo no *Livro dos Cheiros*, objeto exposto junto a 18 fotografias como projeto do Jardim Suspenso das Ervas Benignas, que será construído durante o período da exposição

Livro dos cheiros, documentação do comportamento das ervas espremidas entre as suas páginas desde novembro.

Volto sorrindo no abraço comunitário recebido.

Marcilio de Noronha também havia sido escolhido para participar do projeto. Jovens adolescentes plenos do presente e do futuro. Como posso pedir que um jovem tenha na sua memória olfativa os cheiros de sua infância?



Cheiro do presente

O cheiro do presente traça um mapa olfativo dos lugares que habitam e transitam.

Sinto receio em conhecê-los. Seria a linguagem e o olhar do jovem de hoje que eu não vivi? Falamos de Orkut, Facebook, Twitter, câmera de celular, blogs... cheiro de teatro, cheiro de hospital, cheiro de cajá, de terra molhada, de chuva caindo.

Saí desta primeira reunião revigorada. Tínhamos muito a trocar – a escolha de duas comunidades de uma mesma Viana, aonde a diferença poderia ser apreciada e valorizada – havia sido rica.

Infelizmente não pude seguir de perto todo o processo do mapa olfativo de Marcílio de Noronha, feito pelo coletivo. Mas a rede de profissionais que havia sido anteriormente tecida pela organizadora do projeto, viveu a experiência como meus avatares, com resultados surpreendentes. Incorporo o vídeo/mapa olfativo no meu *Diário de Campo*.

Mas onde guardar os cheiros que desvendam as memórias de Viana?


300 vidros de perfumes em tamanhos e formas diversas com tampas em cores diferentes são distribuídos em Viana para que cada participante contribua com sua memória olfativa através de histórias, objetos, cheiros... cada vidro com seu rótulo. *Vidro-de-cheiro* é uma instalação coletiva .

Poderia dizer que o processo desta residência se assemelha à construção de um ninho? Ninho acolhedor de vivências passadas, presentes, futuras. Ninho que se pinta, se veste, se disfarça, se transforma. Ninho de urucum? Vermelho alaranjado das paredes pintadas do quarto do meu filho recém-nascido. Aquele mesmo laranja de um auto-retrato em xilogravura que fiz na minha adolescência com a cabeça coberta por flores cor de urucum. Cor que havia esquecido e que reencontro no cheiro de uma moqueca capixaba.

Urucum Uruçu Uru-ku em tupi, língua que resgatamos hoje entre as outras disciplinas esquecidas.

URU-KU as disciplinas esquecidas

Josely Carvalho, 2011



URU-KU

AS DISCIPLINAS ESQUECIDAS

Prefeita Municipal de Viana
Angela Maria Sias

Vice Prefeito
Carlos Augusto Lopes

**Secretária Municipal
de Cultura, Esporte e Turismo**
Fabiene Passamani Mariano

**Diretora do Dept.
de Patrimônio e Memória**
Sonia Souza Zorzal

Diretora do Dept. de Cultura
Cleima Lima Rabelo

Diretor do Dept. de Turismo
Rodrigo Poltronieri

Diretor do Dept. de Esportes
Adair José Gava

**Coord. da Galeria
de Arte Casarão**
Lidiany da Silva Sunderhus

Apoio
José Edmilson Alvarenga
Márcio José Sinhorelli
Maria Helena M. Dellatorre
Leodilha Stein dos Santos

Equipe Exposição

Curadoria Geral
Neusa Mendes

Curadoria da exposição
Katia Canton

Produção
Imagem Eventos

Expografia
Casa do Lago

Design gráfico
Capim Angola

Iluminação
Antônio Mendell

Fotografia
Tom Boechat

Fotografias do Catálogo
Josely Carvalho (p. 10, 16, 17 e 18)
Tom Boechat (capa e p. 2, 4, 6, 8,
9, 12, 13 e 14)

Registro Videográfico
Orlando da Rosa Farya
Felipe Neves

Revisão
Alex Pandini

GALERIA DE ARTE CASARÃO

Av. Florentino Avidos, Centro, Viana - ES
(27) 3255 1196 / 3255 1346
www.artepatrimonio.wordpress.com

REALIZAÇÃO



PARCERIA



APOIO



PATROCÍNIO

